

Sobre o livro Atendimento Psicanalítico de família

Escolhemos apresentar um dos casos clínicos que aparecem no livro, como forma de abrir hoje, aqui, a clínica dos vínculos, e dessa forma compartilhar nosso trabalho vincular. Posteriormente estabeleceremos uma discussão clínica sobre o material que irei apresentar. O caso foi trabalhado por mim no livro, mas hoje só apresentarei o material clínico e a professora Maria Inês Assumpção Fernandes fará a discussão clínica.

Nomeie o capítulo: **Armando a Família**, já que acho que no transcorrer do trabalho terapêutico a família foi tomando forma e se constituindo como tal. Vamos ver se vocês compartilham esse parecer meu.

Na escuta vincular psicanalítica é muito importante acompanhar o devir do discurso tal como os sujeitos o vão trazendo, respeitando o relato familiar, que em cadência se constitui e vai se apresentando. Considero muito importante não se adiantar a fazer perguntas indagatórias tentando preencher dados em forma de anamnese, pois esse é um conhecimento que pertence ao espaço psiquiátrico, e não ao campo psicanalítico vincular. Talvez na pressa de estruturar uma árvore genealógica ou de buscar as causas do sofrimento que os sujeitos trazem, não se respeite o material tal como aparece e se force o relato baseado em dados, sem aguardar o tempo do discurso familiar.

Com esta proposta, trago um resumo do percurso psicanalítico vincular desta família, para abrir o exercício clínico e o debate de hoje.

Caso clínico

Telefona-me uma senhora, encaminhada por um colega, pedindo um atendimento familiar. Combinamos dia e horário depois de várias ligações, dada à dificuldade de eles conseguirem se encontrar para virem à consulta.

Quando abro a porta do consultório vejo um grupo grande me aguardando.

Recebo a mãe Susana, 29 anos, o pai Pedro, 32 anos, a filha Cristina, de 22 anos, Gonzalo, de 11, Tomas, de 9, e Rosângela de 4.

A mãe, Rosângela e os dois filhos homens são de estatura baixa e de cor parda, o pai e Cristina são brancos.

A mãe diz: “A gente está vindo por causa do Gonzalo que tem problemas de relacionamento na família. Ele não se relaciona bem com todos, tem problemas na escola também. Viemos para pedir ajuda, pois é difícil educar os filhos”.

Pai: “Na família não temos muito a reclamar, o problema de Gonzalo é que é difícil para ele escutar um não. Esses dois (refere-se aos dois filhos homens em tom de menosprezo), quando dizemos não, eles dizem não, mas... eles têm que aprender a ouvir um não.”

Mãe: “Estou cansada de repetir, não tenho tanta paciência para repetir: Vai tomar banho!, Escovem os dentes!, Usem o aparelho! Embaixo de nossa casa moram o pai e a mãe dele (aponta para o esposo) e mesmo a avó não tem autoridade, já que eles fazem o que querem com ela.”

Pai: “Esses faltam com o respeito um pelo outro, um irmão ofende ao outro, estão os dois errados.”

Gonzalo: “Cada um tem seu lado, ele me xinga e eu revido; se eu não falo nada, o outro também.”

Pai: “Eles se ofendem por nada, se chamam de burro, dizem palavrão. Eu fico chateado; eu pago o colégio deles com meu esforço e eles ficam desinteressados pelos estudos. Tomas tem um bom relacionamento com Cristina, mas Gonzalo não. Esses aqui também, a avó deles não consegue lidar com eles, eles fazem o que querem.”

Mãe: “Ele é o padrasto de Cristina, que é minha filha de um casamento anterior, eles são os únicos que têm diálogo. Mas todo mundo se dá bem com Rosângela; ela é a mimada da família, nosso xodó.”

Mãe: “A avó dá tudo na mão deles, lanche, pipoca, tudo”.

Pai: “Eu deveria falar para minha mãe, mas é difícil, eu não posso faltar com o respeito por ela.”

Gonzalo: “Nós comemos o que a avó nos dá”.

Mãe: “Eu não falo com minha sogra por respeito. Eu não estou em casa o dia todo; sempre quis criar filhos independentes. Não tive pai, minha mãe trabalhava o dia inteiro e os filhos tinham que se virarem sozinhos; eu os incentivei a irem à luta.”

Analista: (olhando para os filhos) “E vocês, eu gostaria de ouvir vocês”.

Cristina: “Eu sou vendedora, trabalho em uma loja vendendo artigos de livraria.”

Gonzalo: “Eu piorei na escola, nós mudamos de escola este ano e na outra escola tinha melhores notas.”

Tomas: “Eu também estou com notas baixas neste ano”.

Rosângela: “Eu faço desenhos na escolinha e brinco com os amigos.”

Gonzalo: “Em minha aula somos 40 alunos e eu me sento atrás”.

Mãe: “Você conversa na aula”.

Gonzalo: “Eu pedi para a professora me pôr na frente, mas ela nem quis me ouvir. É difícil conseguir se organizar sentado lá atrás. Uma menina conseguiu que a mudassem de lugar, pois o pai enviou uma cartinha para a professora”.

Tomas: “Eu não consigo ler a lousa”.

Mãe: “Vou levar ele no oftalmo”.

Tomas: “Quando a professora sai da sala eu converso, quando ela pede para parar eu paro”.

Gonzalo: “Eu não converso sozinho, todo mundo conversa e a professora só enxerga ao bobão, eu sempre me ferro, meu lugar é ruim”.

Analista: “Parece que os dois se sentem injustiçados na aula, sem apoio para melhorar na escola”.

Pai: “No ano passado eu tive um problema de saúde, entrei em depressão, a médica me afastou do trabalho; agora já consegui dar a volta por cima. Eu estudava e trabalhava e parei de estudar. Dormia 3 horas por noite e começou a me dar uma tremedeira, crise de choro, emagreci, eu não descansava”. (Rosângela senta no colo do pai, enquanto ele está falando.)

Pai: “Eu fiz além do que podia, eu sou ansioso; hoje acordei 4h30 para vir aqui às 8 horas; não gosto de atrasar. Eu sou exigente e me cobro muito”.

Mãe: “Ele me busca no trabalho e sempre está preocupado com o horário”.

Pai: “Eu fico muito preocupado com o trabalho dela para não atrasar”.

Mãe: “No trabalho anterior dele, ele também abraçou muito mais funções que podia”.

Pai: “Comigo não tem preguiça”.

Mãe: “Ele queria ajudar no trabalho tomando conta de tudo, e as pessoas perdem o respeito”.

Gonzalo: “É bonzinho demais”.

Pai: “Não, tão bobo não”.

Analista: “E você, Cristina, você acompanha a conversa familiar, mas não fala quase nada”.

Pedro: “Ela fica no Facebook” (risos dos irmãos). (Rosângela senta no colo de Cristina nesse momento.)

Mãe: “Ela precisa de um tempo; no início sempre fica reconhecendo o campo até se sentir à vontade. Ela não quer desagradar o outro”. (Cristina permanece calada, sorridente, aceitando as razões que a mãe e o padrasto dão para seu silêncio.)

Rosângela: “Eu brinco e faço carinho em todo mundo”.

Combinamos os honorários e marcamos um segundo encontro.

Na **segundo encontro** comparecem os seis. O pai começa falando das discussões que se dão entre os dois filhos, nas quais um provoca o outro, só brigam e discutem. Disputam pelo programa de TV, brigam se dando tapas e Tomas descreve as brigas dizendo que Gonzalo “não para, não para, não para”. Pergunto sobre as brigas para tentar ver quais são as hipóteses que eles trazem como família sobre os motivos que as produzem.

Essa questão fica em aberto para se continuar pensando e tinge o clima da sessão.

Pai: “Alguém tem que abrir mão para que as brigas parem.”

Gonzalo: “Quem, eu?”

Mãe: “Você gosta dos programas de TV de seu irmão, poderia liberar ele e assim resolveríamos. Gonzalo é igual ao pai e Tomas é igual a mim, Gonzalo gosta de aventura, Tomas gosta mais de conforto. Eles são diferentes e têm que se respeitar um ao outro.”

Algo novo aparece nesse ponto do discurso e é a voz de Cristina.

Cristina: “Gonzalo não gosta de ficar sozinho.”

Pai: “Ele tem medo. Na hora de dormir ele foge para a cama da avó.” (Rosângela senta-se no colo de Gonzalo.)

Cristina: “Se Tomas desce, então Gonzalo desce também.”

Pai: “Ele dorme na cama da avó.”

Gonzalo: “Dormir não, só converso com a avó. Eu não consigo dormir direito, acordo mais cedo, igual meu pai que acorda cedo para ir trabalhar, durmo e acordo. Tomas puxou mais a mãe.”

Mãe: “Ele nunca dorme a noite inteira.”

Gonzalo: “Eu acordo.”

Pai: “Ele tem medo.”

Tomas: “Ele vê escuro e vai para a cama da avó.”

Rosângela, como a caçula da família, adota a conduta de ficar sempre no colo daquele membro da família que está angustiado, naquele específico momento da sessão; ela parece tentar obturar a emergência da angústia, ou talvez não a tolere.

Nessa sessão, relatam as brigas matinais e o tom briguento no qual a avó também se insere.

Mãe: “A fala parece em tom de guerra, a avó também grita, tudo é em tom de guerra. Eu os mando tomar banho e nada acontece, cansei de pedir, quatro vezes. Eles não dormem em casa, eles dormem na casa da avó. Não tem espaço para eles em casa, moramos no andar superior do sobrado da avó, eles só dormem lá. Eu não queria incomodar ela.”

Mãe: “Rosângela dorme com Cristina, eu não quero que ela durma com os meninos, pois é mulher.”

Tomas: “Gostaria de nem ligar mais para minha avó.”

Mãe: “A mãe teria que acordar vocês, mas como vocês estão na casa da avó, a avó faz a obrigação de mãe.”

Pai: “Deveríamos fazer um quarto para eles, dividir a sala e fazer outro quarto.”

(Trocamos ideias de como achar mais espaço na casa deles.) Vemos aqui algo de novidade que o pai traz ao cogitar construir espaços para ficarem juntos como família, delimitando no espaço físico um espaço vincular familiar.

Mãe: “Os mudamos para abaixo, só para eles dormirem lá embaixo, mas não dá certo. Temos que trazer as crianças de volta para casa, mesmo dormindo no chão.”

Pai: “Ou que durmam no sofá, mas se temos eles conosco, eles vão estar no nosso controle.”

Mudanças no desenho familiar e movimentos a través dos quais eles vão criando juntos.

Mais para frente, já no processo terapêutico, na **nona sessão**, Rosângela não vem, fica em casa, e eles começam

falando sobre os problemas que os filhos têm na escola. Depois o pai reclama da demora dos filhos em ficarem prontos para ir para escola e como esperam que ele tome conta de tudo.

Pai: “Eu acabo sendo chato, mas não tenho que cuidar de tudo. Tem que existir um limite.”

Analista: “Qual seria o limite que você estabeleceria nesta situação?”

Pai: “Eles têm que estar prontos na hora em que temos que sair para a escola. Eles querem ir à escola de ônibus, mas não têm idade para andar de ônibus. Na vida deles se faz o que eu quero e o que a mãe deles quer. Com a idade que eles têm não é hora para andar sozinhos de ônibus. Eles têm que saber ouvir um não, só querem ouvir sim.”

Analista: “Quais são as normas que vocês dão para eles?”

Mãe: “Eles têm que colaborar em casa, ficam rindo e não respeitam. Estamos tentando educar, eu ponho os dois de castigo sem computador e sem *video game*. Gonzalo nunca respeita a data de entrega dos trabalhos na escola e isso é falta de responsabilidade. Eu falo para ele e me enfrenta, diz que sente raiva, mas eu não me conformo deles me afrontar, chamo a atenção deles e a avó os desculpa.”

Pai: “Eles me acompanham no café da esquina e não têm educação, não sabem aguardar quando eu estou falando com outra pessoa.”

Gonzalo: “Ele apressa a gente e depois enrola.”

Tomas: “Eu não gosto quando o pai encontra com uma pessoa.”

Analista: “Parece ser que vocês não podem aguardar e respeitar o tempo que o pai precisa no café.”

Pai: “Eu não sou pessoa da rua, cumprimento as pessoas que conheço.”

Mãe: “Se você conversa com alguma pessoa Gonzalo entra na conversa e dá palpite. Ele tem que respeitar as hierarquias, eu não sou um coleguinha dele.”

Cristina: “Quando eles eram mais novos, eu colocava limites neles.”

Tomas: “Cristina bate em Gonzalo. Rosângela, em mim.”

Mãe: “Cada um conquista seu espaço. Eu não tive pai, minha mãe não dava moleza não.”

Tomas: “Coitada de você.”

Mãe: “Como eu trabalhava, deixava a autoridade para Cristina. Agora peço para a sogra, mas ela quer do jeito dela.”

Analista: “Pedro, quem marcava os limites para você?”

Pai: “Eu matava aula e meus pais batiam em mim.”

Mãe: “O pai de Pedro sempre trabalhou fora, bebia e chegava bêbado. Ele não tinha pai, a mãe escondia as coisas do pai, nem dava participação ao pai. O pai dava pouca atenção à família. O pai escondia a chave do carro de Pedro e a mãe dava a chave a ele.”

Analista: “Talvez hoje vocês estejam pensando aqui como serem pai e mãe, além dos modelos que tiveram.”

Mãe: “Pedro é do extremo, ou é estúpido ou meloso, não sabe dosar. Eu nunca mais vi meu pai, ele trabalhava numa feira, nunca estava no mesmo lugar. De criança tinha a fantasia de conhecê-lo, mas agora não vou procurar. De criança você precisa do pai para a vida, depois não precisa. Talvez faltasse para mim alguma coisa, uma figura de apoio, eu falo para Pedro que eu sou mais forte, pois me criei me defendendo sozinha, eu não tinha pai para me defender. Minha mãe foi uma mulher sem marido e tinha que se impor. Pedro sempre foi de fazer tudo por você e eu relaxei. Eu criei a Cristina sozinha, separei do pai e nunca ganhei pensão, só cobrei dele presença para que não tenha um pai ausente como o meu, já que ela tem o pai; na hora que ela precisa ela está bem amparada.

Vemos como vão construindo juntos um lugar para o pai com a lei que ele porta e aporta na família.

Sessão 11

Rosângela novamente fica fora da sessão, permanecendo em casa. Começam relatando que Gonzalo de novo teve problemas na escola com o menino que o provoca e ele não sabe se conter e dá socos nele, respondendo assim às provocações. A mãe diz que sempre que há briga seu filho está no meio e acha que ele procura estar no meio dos problemas, não sabendo ficar de fora. Depois falam das brigas em casa.

Mãe: “Hoje a minha sogra e o vô reclamaram de Gonzalo, dizem que ele é rude.”

Pai: “Ele não respeita o vô, vou dar um tapa nele, eu já avisei que tem que respeitar se não vou bater nele.”

Gonzalo: “O vô bebe o tempo todo e se estamos em casa assistindo a TV, ele chega e pega o controle pra ele, se eu estou assistindo ele tira o programa e troca para o que ele quer, sem perguntar.”

Mãe: “Isso é falta de educação. A mesma bagunça que o pai faz, Pedro faz também. Temos uma TV em casa e ele chega e troca de canal. Uma coisa chama a outra, se uma pessoa é grossa a criança vira o espelho dela. Pedro quer impor limites o tempo todo, mas ele é rude e assim eles vão ser. Pedro parece com o pai, fala alto com violência, eles imitam o que ouvem.”

Pai: “Tem razão, isso é verdade. Gonzalo é mais explosivo e eu tenho a personalidade dele.” “Meu pai é grosso.”

Mãe: “Quando eu conheci Pedro, ele era inimigo do pai, estávamos namorando e a mãe escondia do pai, ele a agredia. Pai e filho não têm diálogo, vocês não conversam. Pedro também é bravo com a mãe dele, e ela é boazinha. Ninguém senta na poltrona do pai, ele é todo-poderoso, nem me cumprimenta. Eu achei que

com o nascimento dos netos ele ia mudar, mas não foi assim. (Pedro fica cabisbaixo, triste frente ao relato de sua esposa.). Pedro é filho único e os dois netos podiam fazer companhia. Eu casei com a família de Pedro, eles ganharam dois netos, era para ser família.”

Tomas: “O vô arrancou o cabelo da avó uma vez, eu vi.”

Gonzalo: “Ele bateu nela na frente de outra pessoa porque queria vender a casa.”

Tomas: “Ele xinga ela e ela faz companhia pra ele.”

Gonzalo: “Ele xinga ela. Eu não morava com os avós. O vô me levou para lá na primeira semana de vida.”

Pai: “Eu tenho que fazer um quarto para eles, eu quero eles na minha casa.”

Mãe: “O pai de Pedro não me viu grávida, ele não me levava na casa. Quando Gonzalo nasceu, ele me levou na casa e começamos a morar lá, o pai nem me conhecia.

Analista: “O que vocês fizeram para se defender de tudo isso?”

Mãe: “Pedro não dizia nada, só estava preocupado com o que os outros falavam. Eu o conheci e ele estava perdido, ele tinha tudo para ser feliz: uma família, escola particular, perua paga. Eu pensava em minha vida e comparava com tudo o que ele tinha, achava ele perdido. É o problema da família de Pedro. Pedro teve um irmão que morreu com 12 anos de câncer, amputaram a perna dele e era um menino muito bonzinho. Pedro tinha 14 anos e era rebelde. Todos viveram um imenso sofrimento, o pai culpa a mãe de não ter cuidado mais do filho, é um trauma. Quando eu entrei na casa deles vi que viviam um luto eterno, a foto do menino estava no meio da sala e a mãe chorava o tempo todo. Eu pedi para eles tirar a foto da estante e curtir o filho que eles sim tinham. Melhorou bastante, mas era um lugar sombrio a partir da morte do menino. Pedro era rebelde, mas melhorou muito.”

Analista: “Será que vocês permitiram que Gonzalo e Tomas dormissem na casa dos avós para preencher a falta que eles tinham por causa da morte do filho?”

Mãe: “Se o carro quebrava...”

Pai: “...Eu chutava a porta do carro.”

Analista: “Parece que contando tudo isso vocês estão se libertando da família de Pedro e do sofrimento deles para tomar contato com o amor que vocês têm em sua família compartilhando a dor no relato conjunto.”

Mãe: “Por isso queremos voltar a viver todo mundo junto.”

O clima emocional da sessão deixava transparecer esses momentos de angústia e finalmente um espaço de recolhimento e reconhecimento do carinho que percorre os membros da família, por escolha deles mesmos.

Na **sessão 18**, comparece a mãe com os quatro filhos, o pai está ausente pois teve de trabalhar. A mãe começa dizendo que hoje Cristina a falar sobre o namorado, pois está com muitas dúvidas. Fala de como a distância que o pai dela tem com ela a deixa muito sozinha sem saber como reagir com o outro sexo. A mãe resgata a figura do Pedro como figura masculina na qual Cristina poderia se apoiar, já que eles tem um relacionamento tão bom. No final da sessão começam a resgatar os laços na família atual, de como Pedro, padrasto de Cristina, cuida dela, de como Gonzalo e Tomas falam com ela e a apoiam, do modo como Rosângela lhe faz companhia; começaram a reparar os laços entre eles, para além da família biológica. O clima da sessão foi mudando até virar um clima de carinho e compreensão para emergirem as dores

de cada um dos membros da família.

Na **sessão 25**, último encontro antes das férias, Cristina comunica à família que decidiu dar um presente para todos, que está juntando dinheiro de seu salário para levar a família a um sítio por três dias no *Réveillon*. Antes de acabar a sessão, Pedro fica em pé e dá um grande abraço em Cristina na frente de todo o grupo familiar, agradecendo pelo presente. Foi um momento muito emotivo dentro da sessão.

Finalizamos o relato deste trabalho vincular com a família, e abrimos agora para escutar a Maria Inês Assumpção Fernandes na elaboração do caso, como abertura para o debate.

Para começar o capítulo escolhi essas palavras de Walt Whitman em Canto a mim mesmo que acho dão luz sobre nossa procura psicanalítica e gostaria de compartilhar com vocês.

Hoje, antes do alvorecer, subi em uma colina e olhei o céu e as constelações. E perguntei ao meu espírito: Quando abraçarmos essas orbes, quando tivermos o prazer e o saber de quanto nelas há, sentir-nos-emos realizados e satisfeitos? E o meu espírito respondeu: Não, se alcançarmos esses cumes é só de passagem, é só para continuar mais além. (Walt Whitman, em *Canto de Mim Mesmo*)